

FHC ACHA QUE ESTÁ SENDO VÍTIMA DE ESCÂNDALO FABRICADO E DEFENDE R

O DESABAFO DO PRESIDENTE

"Está demais, né? Estão exagerando até"

Frase dita pelo presidente Fernando Henrique ao então ministro Mendonça de Barros, captada em grampo, sobre o apoio da imprensa à privatização das teles.

Deveria ser uma palestra para falar sobre o Brasil em 2020. Mas o presidente Fernando Henrique Cardoso preferiu fazer um discurso sobre o que está acontecendo hoje e, especialmente, o que mais lhe incomoda. Indignado com os vazamentos de informações obtidas por meio de gravações clandestinas e de falsos dossiês que paralisaram o governo nas últimas três semanas e resultaram na demissão de quatro de seus homens de confiança, o presidente Fernando Henrique Cardoso acusou a imprensa de usar sem responsabilidade o poder que tem.

Ao destacar que não estava pregando censura aos meios de comunicação, mas uma regulamentação do setor, o presidente defendeu que os partidos políticos discutam abertamente com a opinião pública o que pode e o que não pode ser divulgado.

"Os formadores de opinião pública muitas vezes se arrogam poder absoluto de ser juízes, sem que o povo os tenham legitimado para isso", afirmou o presidente, na abertura da conferência Brasil 2020, realizada no Centro de Treinamento do Banco do Brasil. Durante o discurso, o presidente também defendeu uma ampla reforma política.

"Os que manipulam a mídia, no bom sentido, não sabem o poder que tem ou, às vezes, se sabem, não têm consigo a responsabilidade do poder que tem", afirmou Fernando Henrique. "É como se não tivessem poder, como se fossem neutros. Não são neutros. Nada é neutro nesse mundo político."

Originalmente o tema do encontro era reforma política. Ao defender uma de suas teses a de financiamento público parcial das campanhas, Fernando Henrique, sem citar as denúncias que tomaram conta do país nas últimas semanas, disse: "Temos que desnudar a questão do custo político porque senão aparecerá como forma de escândalo verdadeiros ou fabricados." Em seguida, acrescentou que tem mais medo dos escândalos fabricados do que dos verdadeiros. "Estamos sendo vítimas, a todo instante, de escândalos fabricados", criticou. "Os verdadeiros escandalosos são os que fazem o escândalo e não a

quem se atribui o escândalo."

O presidente classificou como "voto parlamentar selvagem" o atual sistema de representatividade dos deputados no Congresso. "É preciso fazer o voto civilizado", disse, ao defender o voto distrital, a fidelidade partidária e a cláusula de desempenho, que impediria os partidos que não tem voto de se beneficiar de recursos institucionais.

Para o presidente, a reforma política tem de entrar na agenda do Brasil. Mas ele acha que esta é uma matéria que requer participação ativa do Congresso e da sociedade. Fernando Henrique aproveitou ainda para criticar a união de parlamentares em torno de interesses corporativistas. O presidente considerava o lobby legítimo mas adverte para o risco do Congresso se transformar num conjunto de lobbies.

"Lobby não é partido, não defende interesses gerais, projetos para o País", disse, ao citar a conhecida bancada ruralista, e as recém formadas bancadas da pequena empresa e frente pró livre-mercado. "O que é isso? Para o governo discutir com cada um?", ironizou, reconhecendo que será criticado por essa observação. "Você pode até ter grupos técnicos, mas é preciso ter partidos."

O presidente condenou também a complexidade e a burocracia que envolvem as votações no Congresso. Citando a existência, por exemplo, de quórum diferenciado para determinadas votações, o presidente falou das dificuldades que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, enfrenta no exterior para explicar a demora na aprovação do ajuste fiscal.

Fernando Henrique criticou ainda o excesso de líderes existentes no Congresso. Só na Câmara, lembrou, existem 12 líderes, alguns que lideram bancadas com apenas um deputado. "E você tem de ouvir a todos", declarou ironizando. "Isso não existe; é a marcha da insensatez; é a falta de coragem da maioria para tomar decisões."

Segundo Fernando Henrique, os partidos ainda não têm a sensibilidade necessária para entender que não só eles, mas a sociedade organizada, como igrejas, sindicatas,

lobbies, empresas e a imprensa participam legitimamente da vida política do País.

"Os partidos, muitas vezes, têm a ilusão de que basta ter acesso às aquelas maquininhas de televisão para conseguir o que desejam", argumentou. "Acho aquela maquininha terrível: assim como ela faz com que se consiga, ela pode liquidar na hora também, dependendo de fatores que não são racionais." E acrescentou: "Não é o que é dito, às vezes não é o que não foi dito, às vezes é um longo silêncio, às vezes é uma dúvida momentânea."

O secretário Nacional de Direitos Humanos, José Gregori, descartou a possibilidade de haver um tom de mágoa por trás da fala do presidente. Na opinião de Gregori, a sociedade deveria ter reagido com maior ênfase contra o crime da escuta clandestina de telefone. "Foi nesse sentido abrangente que o presidente colocou todos como responsáveis pelo escândalo", comentou Gregori. "Telefonia precisa ser respeitada, porque é como fazer amor na maior intimidade", comparou, ao ressaltar que certas coisas não podem ser devassadas.



DENÚNCIAS

